
Bordalo Pinheiro e Luís de Camões: contributos para a criação de um símbolo nacional

*Bordalo Pinheiro and Luís de Camões: contributions to the
creation of a national symbol*

João Alpuim Botelho

Museu Bordalo Pinheiro / Lisboa Cultura

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.nEsp.a1412>

RESUMO

Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) foi um caricaturista e jornalista de humor que relatou nas páginas dos seus jornais a atualidade social e política do Portugal do final do século XIX. Durante este período, a figura de Luís de Camões foi elevada à condição de símbolo nacional, num processo que teve dois momentos marcantes: a comemoração do 3º centenário da sua morte, em 1880, e a reação popular de indignação ao ultimato inglês de 1890.

O texto propõe um olhar sobre a contribuição de Bordalo para que a figura de Luís de Camões se consolidasse como símbolo nacional português. Não se procura fazer uma análise literária ou biográfica do poeta, mas sim a forma como um jornal de humor relatou o processo de transformação do poeta numa figura simbólica da nacionalidade portuguesa e também do republicanismo popular.

PALAVRAS CHAVE: Rafael Bordalo Pinheiro; Zé Povinho; Luís de Camões; Jornalismo humorístico.

ABSTRACT

Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) was a caricaturist and humoristic journalist who reported on the social and political events of late 19th-century Portugal in the pages of his newspapers. During this period, Luís de Camões was elevated to the status of national symbol, in a process that had two defining moments: the commemoration of the 300th anniversary of his death in 1880 and the popular reaction of indignation to the British ultimatum of 1890.

The text offers a look at Bordalo's contribution to consolidating the figure of Luís de Camões as a Portuguese national symbol. It does not seek to provide a literary or biographical analysis of the poet, but rather to examine how a humorous newspaper reported on the process of transforming the poet into a symbolic figure of Portuguese nationality, but also of popular republicanism.

KEYWORDS: Rafael Bordalo Pinheiro; Zé Povinho; Luís de Camões; Humorous journalism.

O século XIX viu nascer na Europa os sentimentos nacionalistas que trouxeram consigo a eleição de símbolos, monumentos e figuras representativas do espírito das nações que se criavam ou consolidavam.

Em Portugal, uma das figuras eleitas foi o poeta Luís de Camões (1524?-1580), autor de *Os Lusíadas*, o poema que narra a epopeia das navegações quinhentistas, considerada a época áurea nacional.

Com este espírito, em 1860, foi erguida uma estátua ao poeta numa das mais importantes praças da cidade, da autoria de Vitor Bastos, fruto de uma subscrição pública, e inaugurada pelo rei D. Luís em 9 de outubro de 1867. Camões, como símbolo nacional, tomava o seu lugar no espaço público da capital do reino.

Nesse final da década de 1860, o jovem Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) iniciava a sua carreira artística e não ficou imune ao en-

tusiasmo perante o poeta, incorporando-o na sua obra desde os primeiros trabalhos.

Bordalo começou por publicar as suas caricaturas em livros e jornais no início da década de 1870, ano em que editou *O Calcanhar d'Aquiles*, um álbum de caricaturas das principais figuras da vida cultural de então, e *A Berlinda*, um conjunto de folhas volantes com comentários à vida nacional. Foram os primeiros títulos de uma carreira que viria a ser longa e prolífica, onde aplicou o seu talento para comentar a atualidade em jornais humorísticos. Este tipo de jornalismo tem a particularidade de juntar à informação factual comentários subjetivos, mais personalizados, que ajudam a transmitir aspetos emotivos e o sentir das populações em relação aos acontecimentos.

Este trabalho não aborda questões literárias da obra de Luís de Camões, mas sim a forma como Rafael Bordalo Pinheiro trouxe o poeta para a sua obra gráfica, tendo como principal enfoque dois momentos: a comemoração do tricentenário da morte do poeta em 1880 e, passados dez anos, o movimento nacional de indignação provocado pelo ultimato inglês de 1890.

Desta forma, poderemos acompanhar como Camões se consolidou como símbolo nacional.

A primeira referência a Camões na obra bordaliana surge na folha número 4 de *A Berlinda*, intitulada “Retalhos da Companhia dos Caminhos de Ferro” (Fig. 1) e refere-se ao mau serviço que a companhia prestava, satirizando várias situações com desenhos legendados por versos retirados de *Os Lusíadas*, como, por exemplo, quando comenta o descarrilamento de um comboio com a descrição da batalha de Ourique, num evidente exagero, carregado de humor:

DESCARRILAMENTO - !!!

..... Pelo campo vão saltando

Braços pernas, sem dono e sem sentido

E d'outros as entranhas palpitando

Pallida a cor o gosto amortecido.

Camões Cant III Est LII

(Pinheiro, 1871b).

Figura 1 – Retalhos da Companhia dos Caminhos de Ferro.



Fonte: Pinheiro (1871b).

Voltamos a encontrar Camões no álbum *O Calcanhar d'Aquiles*, quando Bordalo retrata Luís Augusto Palmeirim (1825-1893), um poeta ultrarromântico (Fig. 2). O caricaturista, mais próximo do Realismo, desenha Palmeirim a dedilhar romanticamente uma lira, tendo junto a si um Camões com um ar enfadado, dando a entender que estava desagradoado com a poesia que ouvia. A sua presença resulta numa divertida ironia, pois o que parecia ser uma homenagem é, de facto, uma crítica ao Romantismo.

Figura 2 – Luís Augusto Palmeirim.

Fonte: Pinheiro (1871a).

Bordalo volta a desenhar Camões na capa do *Almanach das Artes e Letras* para 1874 e, mais tarde, no desenho com que homenageia o seu pai, Manuel Bordalo Pinheiro (1815-1880), no momento da sua morte, publicado no jornal *O António Maria* de 7 de fevereiro de 1880 (Fig. 3), Rafael representa um retrato de Camões, lembrando que fora o seu pai, também ele artista, quem fizera o busto do poeta colocado na gruta de Macau, onde a lenda diz que viveu.

Figura 3 – À memória do pai e do Mestre.



Fonte: Pinheiro (1880b).

Estes exemplos mostram que a figura de Luís de Camões se impu-
nha no imaginário cultural da segunda metade do século XIX.

O 3º CENTENÁRIO DA MORTE DE CAMÕES

A ascensão de Luís de Camões a símbolo nacional aconteceu ver-
dadeiramente em 1880, com as comemorações do 3º centenário da
sua morte, organizadas por um grupo de republicanos composto,
entre outros, por Teófilo Braga, Eduardo Coelho e Ramalho Ortigão.
Este grupo imprimiu um pendor ideológico aos festejos, o que levou
a que o governo e o rei não se tenham querido envolver ativamen-
te. Desta forma, as comemorações transformaram o poeta também
num símbolo republicano e popular.

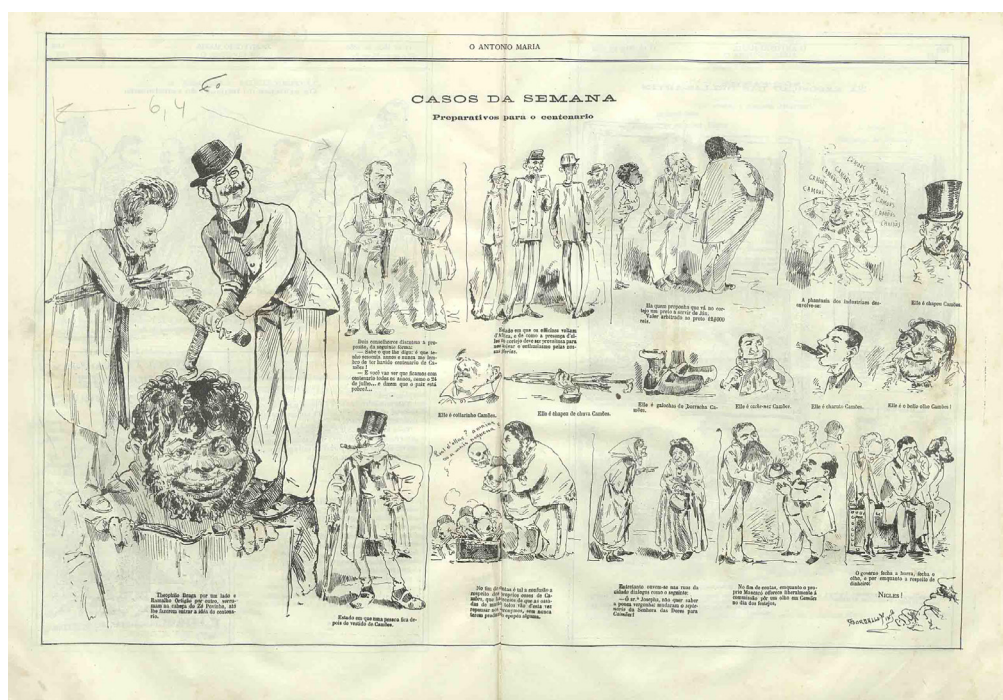
Esta celebração teve como momentos altos a trasladação das os-
sadas do poeta para o Mosteiro dos Jerónimos e a realização de um
cortejo cívico no dia 10 de junho.

Bordalo refere-se pela primeira vez ao tricentenário na edição do seu jornal *O António Maria* de 13 de maio de 1880 (Fig. 4), quando inicia um conjunto de cinco reportagens com o título “Casos da Semana – Preparativos para o centenário”, desenhando numa dupla página diversos comentários satíricos que nos permitem conhecer o ambiente que se vivia na ocasião. Os “Preparativos” começam com Ramalho e Teófilo Braga perfurando com uma verruma a cabeça de Zé Povinho “até lhe fazerem entrar a ideia do centenário”, mostrando como a ideia de comemorar uma data histórica era uma ideia estranha à sociedade daquela época.

A página continua com algumas brincadeiras sobre os preparativos da homenagem, entre os que estranham a ideia, dizendo “sabe o que lhe digo: é que tenho sessenta anos e nunca me lembro de ter havido centenário de Camões!”, aos que veem nele uma boa oportunidade de negócio: “a fantasia dos industriais desenvolve-se”, criando chapéus, colarinhos, chapéus de chuva, galochas, cache-nez ou charutos “à Camões”, numa operação comercial que estava nos inícios do que se veio a chamar *merchandising*.

Num outro quadrinho, brinca com a dificuldade do presidente da Câmara de Lisboa, José Rosa Araújo, em encontrar o verdadeiro crânio de Camões para o depositar no Mosteiro dos Jerónimos, denunciando a polémica da época sobre se as ossadas trasladadas eram realmente as do poeta.

Figura 4 – Casos da Semana – Preparativos para o centenário.



Fonte: Pinheiro (1880f).

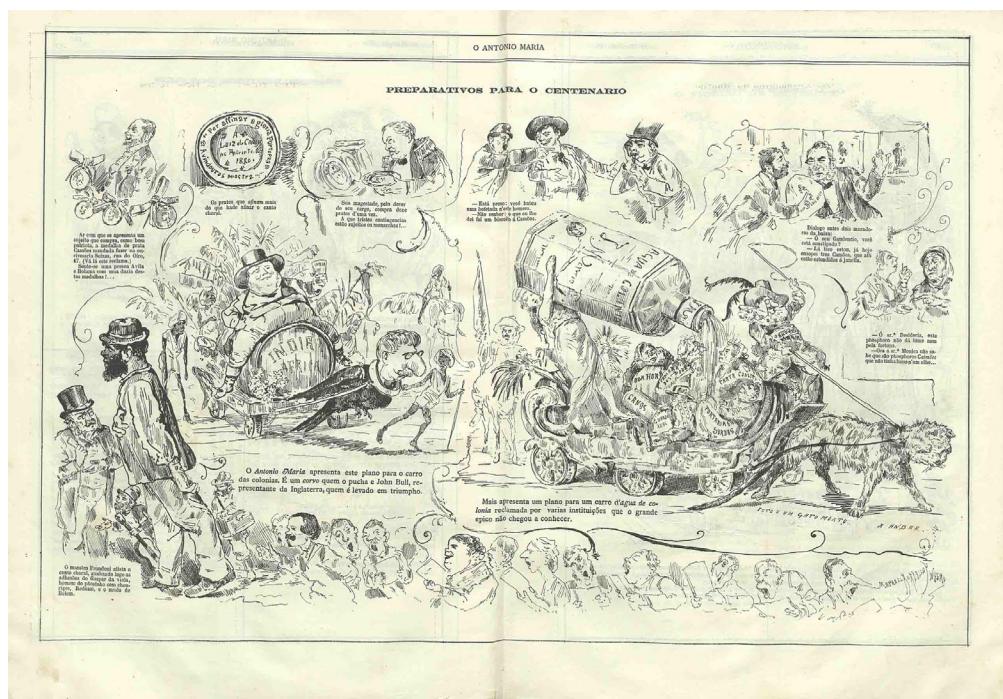
Ainda nesta página, o desenho final mostra o primeiro-ministro Anselmo Braamcamp e os seus ministros, sentados no cofre do dinheiro, impedindo a sua abertura para financiar as festas, demonstrando a falta de apoio do governo às comemorações.

No número seguinte do jornal, de 20 de maio (Fig. 5), continua a reportagem dos “Preparativos” em tom jocoso: os fósforos que não acendem porque são marca Camões, que “não tinha lume num olho”, ou a expressão ficar com um “olho à Camões” por ter levado um murro.

Como é seu hábito, Bordalo não perde a ocasião para fazer comentários políticos e, assim, transforma o carro alegórico dedicado às colónias, num carro de água-de-colónia, que servia para lavar as instituições *malcheirosas*, e desenha o rei D. Luís obrigado a participar

nas festividades, comprando a contragosto um conjunto de 12 pratos alusivos à data.

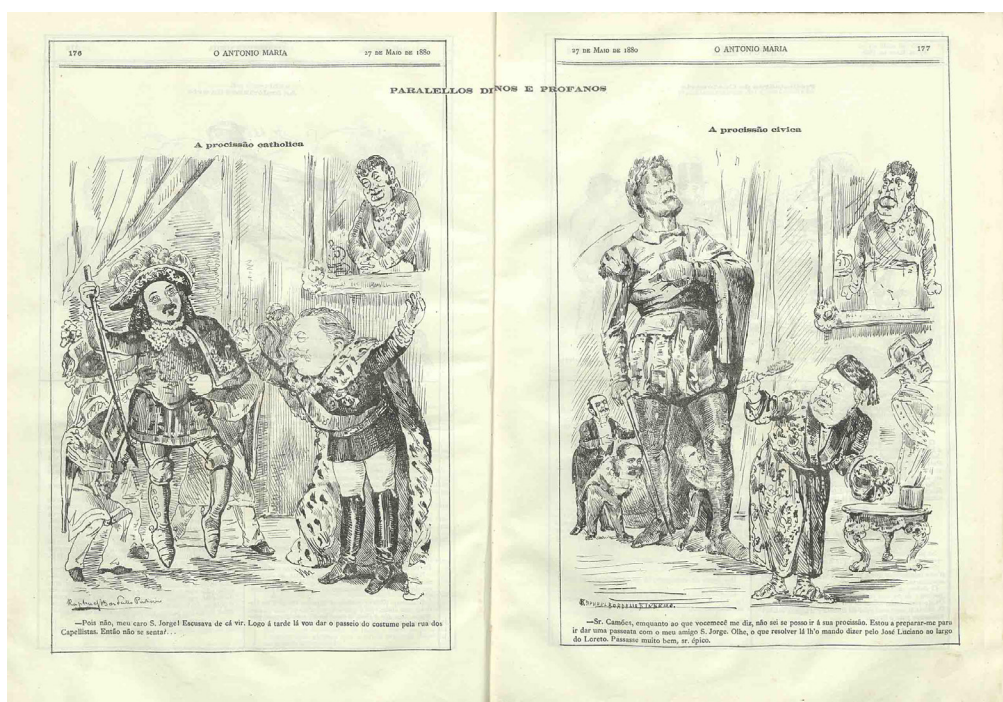
Figura 5 – Casos da Semana – Preparativos para o centenário.



Fonte: Pinheiro (1880g).

A crítica ao afastamento do rei das comemorações sobe de tom no jornal de dia 27 de maio (Fig. 6), quando, em dois desenhos na página central, se vê o rei muito entusiasmado com a procissão religiosa do Corpo de Deus, onde a imagem de São Jorge tomava parte, e nada interessado no cortejo de homenagem a Camões: “sr Camões, emquanto ao que vossemecê me diz, não sei se posso ir à sua procissão. Estou a preparar-me para ir dar uma passeata com o meu amigo S. Jorge” (Pinheiro, 1880n, p. 177). O desenho intitula-se “Paralelos divinos e profanos” e nele o rei é acusado de desprezar os valores nacionalistas face aos religiosos, numa crítica que demonstra também o seu anticlericalismo.

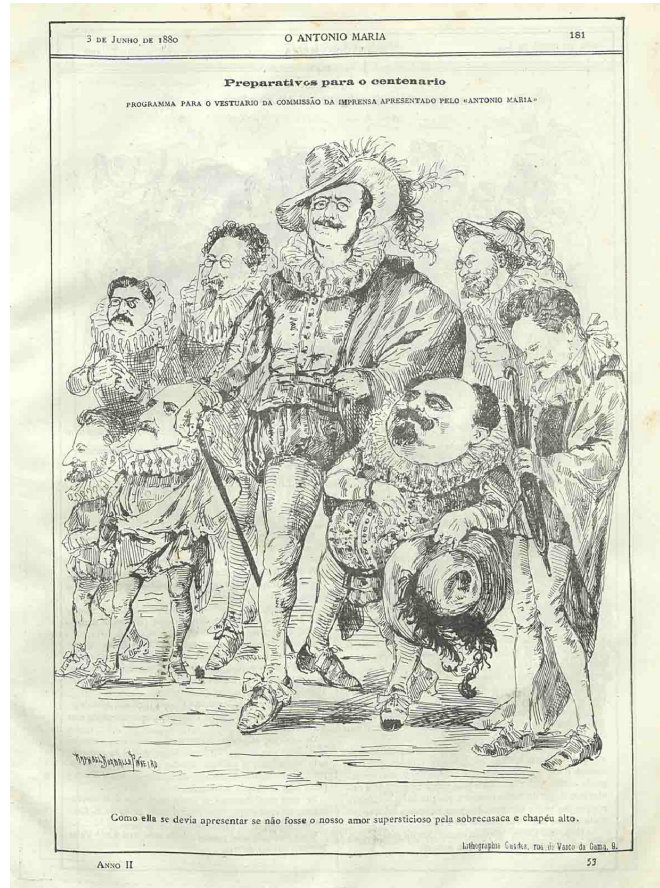
Figura 6 – Paralelos divinos e profanos.



Fonte: Pinheiro (1880n, p. 176-177).

A data aproximava-se e, na edição de 3 de junho (Fig.7), Bordalo volta aos “Preparativos” e desenha os principais impulsionadores da comemoração, destacando-se Ramalho, Teófilo, Eduardo Coelho e Luciano Cordeiro, fazendo, através de um divertido desenho, a proposta de que se vestissem com trajes quinhentistas.

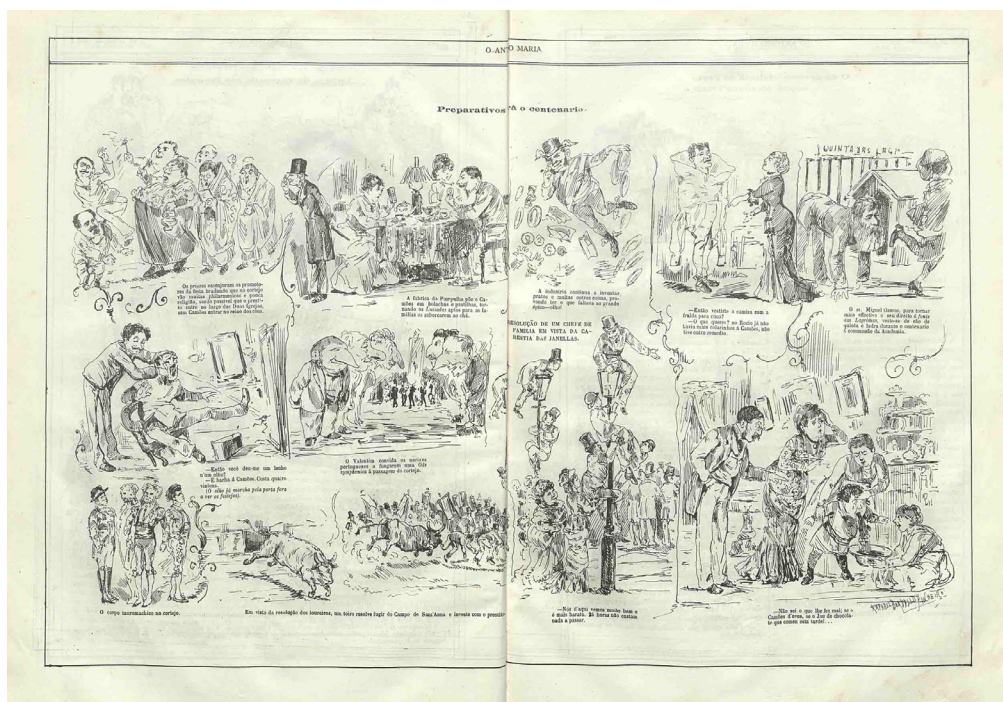
Figura 7 – Preparativos para o centenário. Programa para o vestuário da Comissão da Imprensa apresentado pelo “António Maria”.



Fonte: Pinheiro (1880q, p. 181).

Nessa mesma edição, voltava à apreciação jocosa dos preparativos (Fig. 8), dizendo que havia pessoas dispostas a passar 24 horas empoeiradas em candeeiros para terem um bom local para ver o cortejo passar. Termina esta página com o desenho de uma criança a vomitar com a mãe a comentar que “não sei o que lhe fez mal, se o Camões d’ovos, se o Jau de chocolate que comeu esta tarde...” (Pinheiro, 1880p). Brincava, assim, com o excessivo aproveitamento comercial da figura de Camões a propósito da comemoração, e talvez com o *enjoo* que esse aproveitamento provocava na população.

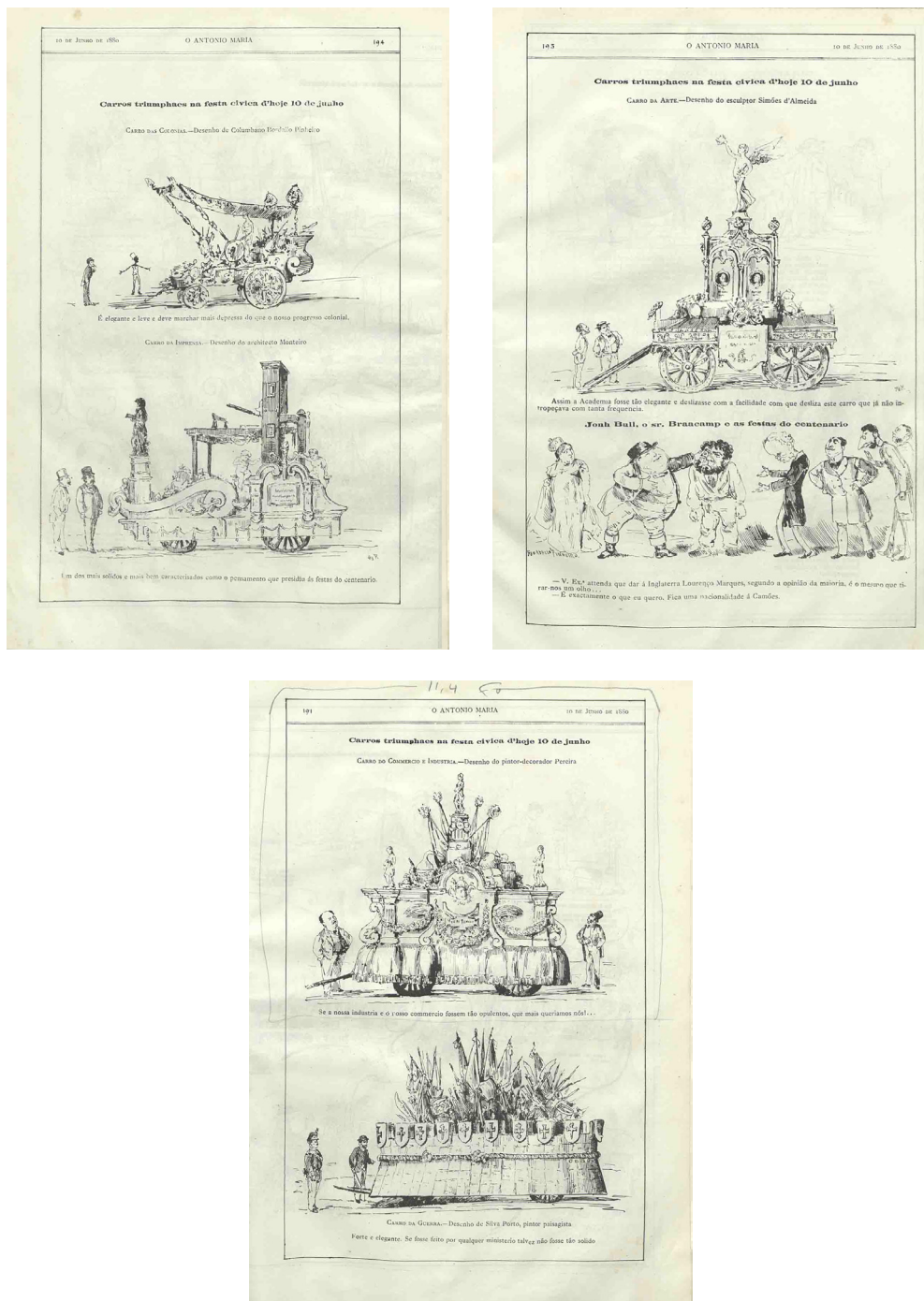
Figura 8 – Preparativos para o centenário.



Fonte: Pinheiro (188op).

Na edição do dia 10 de junho, dia em que se realizaria o cortejo, Bordalo desenha os “Carros triumphaes na festa cívica d’ hoje 10 de junho” (Fig. 9, 10 e 11) antecipando o que seria visto nas ruas. Os carros representavam as colónias, a imprensa, a arte, o comércio e indústria e a guerra, dando ideia da representação cívica alargada a que Bordalo aludia.

Figura 9, 10 e 11 – Carros triumpheaes na festa cívica d' hoje 10 de junho.



Fonte: Pinheiro (1880e, p. 194; 1880c, p. 190; 1880d, p. 191).

Nesse mesmo número, apresenta ainda uma página onde o Zé Povinho olha para o busto de Camões rodeado dos organizadores das comemorações (Fig.12). O busto está pousado numa mesa que representa “o paiz”, e nela estão pousados também *Os Lusíadas* e a Carta Constitucional. A legenda diz que o “Zé Povinho chega quasi a convencer-se de que os *Lusiadas* deve ser uma coisa talvez um pouco superior á carta constitucional” (Pinheiro, 1880l, p. 189). O poema épico era, assim, colocado ao mesmo nível da constituição, como documento fundamental da nação portuguesa.

Figura 12 – O tricentenário.



Fonte: Pinheiro (1880l, p. 189).

No número do jornal que se seguiu às comemorações, no dia 17, Bordalo volta ao registo de reportagem desenhada, com vários quadros, a que chama “Chronica do Centenário” (Fig. 13) com Camões, como personagem principal, a agradecer a todos os que participaram no cortejo. Em divertidos desenhos, vemos o poeta a beijar Rosa

Araújo, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, abraçar a marinha, a agradecer às associações, aos capelos (a universidade), às escolas, aos médicos, aos bombeiros, aos comerciantes, aos estudantes e aos operários. Ao desenhar esta longa lista de participantes no cortejo, Bordalo mostra a adesão das forças vivas da sociedade civil, que se sintetiza no desenho em que o poeta abraça e beija o Zé Povinho, símbolo do povo português “pelo bem que se portou”, tirando a coroa de louros da sua cabeça para a colocar sobre os membros da comissão executiva.

Figura 13 – Chronica do Centenário.



Fonte: Pinheiro (1880h).

Nesse mesmo número, publica outro desenho de Luís de Camões (Fig. 14) envergando o barrete frígio dos republicanos, tendo atrás de si o Zé Povinho a saudá-lo, que se dirige ao rei e ao ministro dos Negócios do Reino, José Luciano de Castro, ambos com um ar inco-

modado, dizendo: “Camões agradece aos altos poderes de estado não terem ido á sua procissão e terem-no feito republicano, com o que muito ganhou a idéia” (Pinheiro, 1880i, p. 197). Bordalo teve imediatamente a percepção que o afastamento da coroa da homenagem ao grande poeta teria consequências no desenvolvimento do sentimento republicano da população.

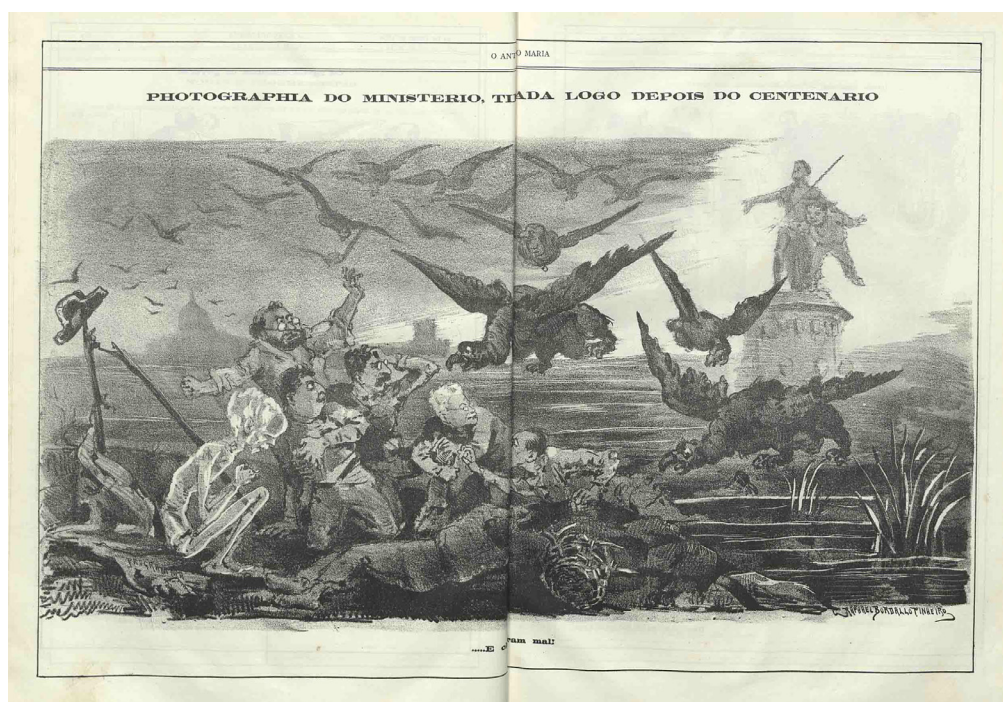
Figura 14 – Chronica do Centenário.



Fonte: Pinheiro (1880i, p. 197).

No mesmo sentido vai o desenho onde se vê o governo de Anselmo Braamcamp atacado por um bando de aves ferozes, tendo em segundo plano a estátua de Camões com, uma vez mais, o Zé Povinho a seu lado, intitulado “Photographia do ministério, tirada logo depois do centenário” (Fig. 15). Aqui vemos um governo acochado e assustado pela grandeza e significado da comemoração. Aos poucos, Bordalo contribuía para a criação de um Camões republicano e popular.

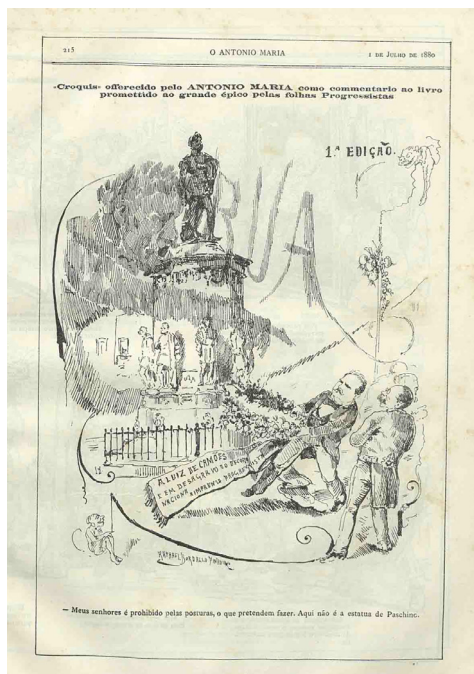
Figura 15 – Photographia do ministério, tirada logo depois do centenário.



Fonte: Pinheiro (18800, p. 215).

Bordalo vai ainda desenhar, em 1 de julho, um Camões indignado com as forças progressistas, ligadas ao governo, que quiseram associar-se tardiamente à comemoração, depois de terem percebido a enorme adesão popular que tivera (Fig. 16). Aqui o poeta ganha vida sobre a sua própria estátua para expulsar Luciano de Castro que queria colocar uma coroa de flores no pedestal, com a inscrição “A Luiz de Camões e em desagravo do decoro nacional. A imprensa progressista”.

Figura 16 – “Croquis” oferecido pelo ANTONIO MARIA como commentario ao livro prometido ao grande épico nas folhas Progressistas.



Fonte: Pinheiro (1880j, p. 215).

No balanço do Centenário, ainda no mês de junho de 1880, Bordalo dedica a Camões uma página do *Álbum das Glórias*, uma coleção de folhas volantes representando as principais figuras da vida política e cultural portuguesas daquele tempo (Fig. 17). Acompanhava o desenho um texto de Ramalho Ortigão que dizia “morreu há trezentos anos, mas coisa estranha! Neste momento está muito mais vivo do que quando expirou!”. Desta forma, justificava a sua inclusão nesta galeria de portugueses ilustres vivos e mostrava a importância que a sua presença ganhava na vida cultural portuguesa. Também não será inocente o ter escolhido para título desta página a alcunha que Camões ganhou de *trinca-fortes*, preferindo salientar a sua faceta de aventureiro inquieto à de poeta.

Figura 17 – O trinca-fortes.

Fonte: Pinheiro (1880m).

O BRASIL NO TRICENTENÁRIO

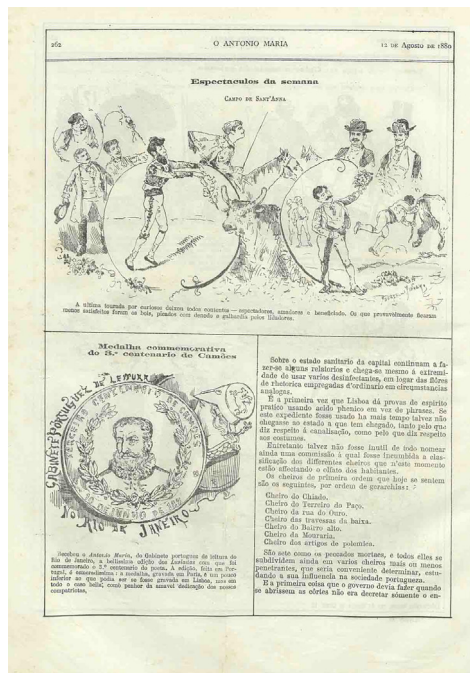
A proximidade cultural entre Portugal e o Brasil fez com que a comemoração do tricentenário camoniano acontecesse dos dois lados do Atlântico, e Bordalo estava particularmente atento à vida brasileira desde que, entre 1875 e 79, aí viveu e trabalhou nos jornais *O Mosquito*, *o Psiit* e *O Besouro*. Assim, no dia 23 de junho, faz uma paródia a um folheto editado pelo poeta popular português, radicado no Brasil, Manuel Margarida, “Mote à memória de Camões”, ilustrando com humor a eloquência pomposa dos seus versos e, a 26 de agosto, dá notícia das regatas que ocorreram na baía de Botafogo (Fig. 18), também em homenagem ao poeta.

Figura 18 – [Torneio marítimo na bahia do Botafogo].



Fonte: Pinheiro (1880a, p. 279).

Muito interessante é a referência à cunhagem de uma medalha e à edição de *Os Lusíadas* com que o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro (Fig. 19) se associou à homenagem, tendo enviado um exemplar de cada a Rafael Bordalo Pinheiro, lembrando a amizade que ficara dos seus tempos no Brasil.

Figura 19 – Medalha comemorativa do 3º centenário de Camões.

Fonte: Pinheiro (1880k, p. 262).

O ULTIMATO INGLÊS

A figura de Camões vai ganhar nova importância ao ser convocada para as páginas do *Ponto nos ii*, o jornal que Bordalo publicava em 1890, quando a Inglaterra apresentou um ultimato a Portugal, exigindo o abandono das pretensões aos territórios entre Angola e Moçambique.

Perante o poderio militar inglês, o rei D. Carlos, que subira ao trono poucos meses antes, foi obrigado a ceder, numa atitude que foi considerada uma humilhação à soberania nacional, provocando uma enorme indignação que percorreu todo o país.

O ultimato foi feito no dia 11 de janeiro e logo no número seguinte do jornal, no dia 16, Bordalo faz um desenho da estátua de Luís de Camões envolta em crepes negros, sinal de luto (Fig. 20). Este desenho reproduzia o que se passara no local: um grupo de pessoas ex-

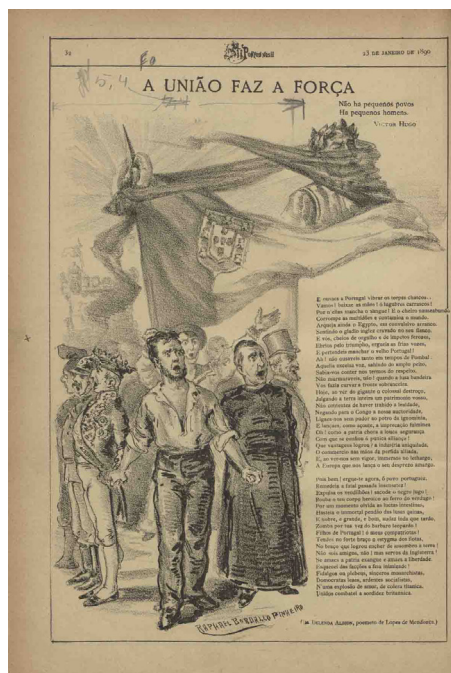
pressou a sua indignação cobrindo a estátua de um dos símbolos da nacionalidade de negro, em sinal de luto.

Figura 20 – Estátua de Camões.



Fonte: Pinheiro (1890e, p. 18).

No número de 23 de janeiro, publica um desenho que intitula “A união faz a força” (Fig. 21), fazendo um apelo a que todos os portugueses se unissem contra os ingleses. O Zé Povinho, num retrato realista, sem traços caricaturais, abre o peito, encabeçando um conjunto de símbolos nacionais: a Torre de Belém, a bandeira portuguesa (a que falta a coroa monárquica sobre o escudo) e o busto de Luís de Camões, ainda envolto nos crepes negros. A ilustração é acompanhada de uma passagem do poema antibritânico *Delenda Albion*, de Henrique Lopes de Mendonça.

Figura 21 – A união faz a força.

Fonte: Pinheiro (1890c, p. 32).

A indignação continua na edição de 13 de fevereiro, a propósito da repressão das manifestações populares que surgiram contra os ingleses e também contra o governo e o próprio rei, no que ficou conhecido como “A campanha do apito” (Fig. 22). Tal como aconteceu nas manifestações no terreno, Bordalo vai centrar os seus desenhos na figura de Camões e na sua estátua, representando uma simbólica queima de *Os Lusíadas* como resultado da perda de valores nacionais:

srs portugueses de 1890: permitam que lhes digamos que os senhores nunca leram os Luziadas nem sabem quem é Camões – que escreveu um poema para cantar apenas o Valor, a Coragem e a Audacia. Ou já se perdeu entre nós a noção exacta d’estas palavras? Então queimem-se os Luziadas! (Pinheiro, 1890b).

A veemência dos protestos era tal que imaginava mesmo a estátua de Camões retirada do seu pedestal num desenho com a legenda “Só

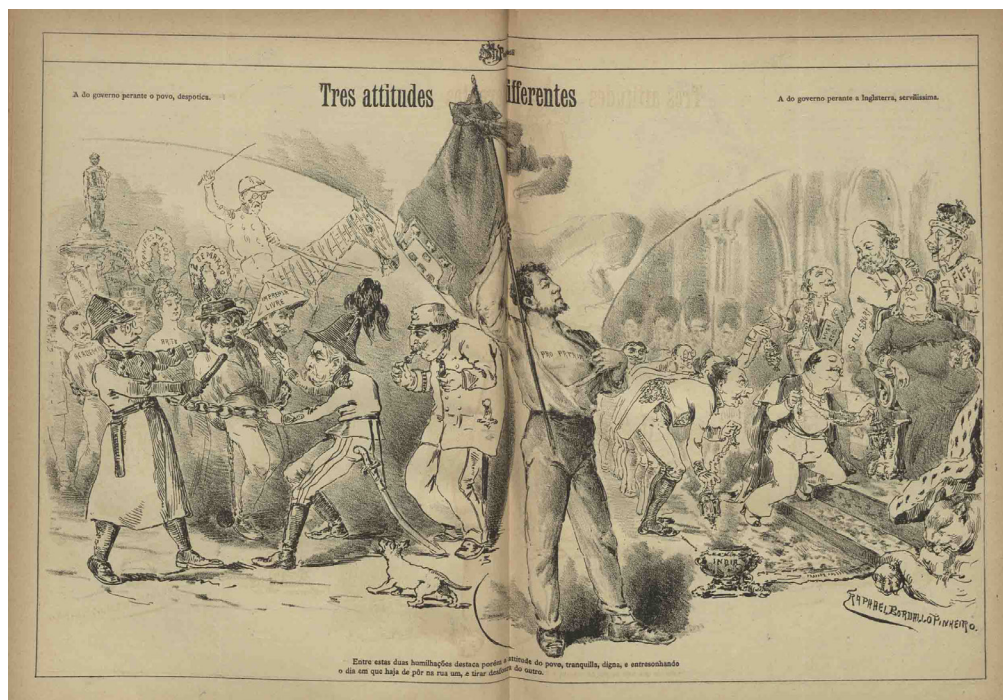
nos falta ver a estatua apeada como symbolo de insurreição, e o ministro levar Camões [preso] para o governo civil” (Pinheiro, 1890b).

Figura 22 – A campanha do apito.



Fonte: Pinheiro (1890b).

Voltaria ainda ao assunto, criticando a atitude do governo, que considerava ser “servilíssima” perante os interesses da rainha de Inglaterra e “despótica” perante o povo. Neste desenho (Fig. 23), vemos o primeiro-ministro Hintz Ribeiro a acorrentar um grupo de pessoas que simbolizavam a imprensa livre, as manifestações, a academia, a arte, o teatro, o comércio ou as associações. No centro da composição, um Zé Povinho abrindo a camisa e mostrando o peito onde se lê “Pro Patria”. Ao fundo, vemos a estátua de Luís de Camões, do lado dos valores nacionais oprimidos, como que tutelando este grupo.

Figura 23 – Três atitudes diferentes.

Fonte: Pinheiro (1890f).

A assinatura do Tratado de Londres, em 20 de agosto, que oficializou a cedência às exigências inglesas, provocou uma nova onda de protestos, e Bordalo volta a convocar Luís de Camões para apelar ao orgulho nacional. Num desenho publicado em 11 de setembro, com o título “Efeitos do tratado” (Fig. 24), representa um grupo de figuras ilustres da exploração e conhecimento dos territórios africanos (Roberto Ivens, Brito Capelo, Serpa Pinto ou José Anchieta) encabeçados por Luís de Camões e Vasco da Gama, guardados por dois polícias ingleses que, de facto, são o primeiro-ministro Hintze Ribeiro e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Barjona de Freitas, que assinara o tratado. Este grupo observa a figura de uma mulher, representando a História, a expulsar um velho Portugal, pondo-o à margem das “Nações que se prezam”, como esclarece a legenda. A rainha Vitória, “Sua Desgraciosa Magestade”, assiste à cena. Este desenho parece

ilustrar o verso “Que é da nação? – Morreu na história!”, do poema *Finis Patriae* que Guerra Junqueiro escreveu também na sequência do ultimato.

Figura 24 – Efeitos do tratado.



Fonte: Pinheiro (1890d, p. 296).

Camões é ainda citado num desenho de 2 de outubro, olhando com desdém para um bazar que serve de “Venda de consciências e caracteres” (Fig. 25), onde Barjona de Freitas engraxa as botas de John Bull (figura que representa o imperialismo britânico) que brande um chicote com a inscrição “tratado”. A legenda do desenho cita Camões: “esta é a ditosa pátria minha amada !!!!!”

Figura 25 – !!!..

Fonte: Pinheiro (1890a, p. 313).

Se as comemorações de 1880 corresponderam à criação de Luís de Camões como símbolo de um Portugal republicano e laico, agora a sua figura surge como foco de indignação popular perante a humilhação do ultimato inglês.

A TALHA MANUELINA

Passados dois anos, em 1892, a figura de Camões continuava viva e Rafael Bordalo Pinheiro transportou-a também para a sua obra cerâmica, através de uma das peças mais imponentes que modelou, a talha manuelina (Fig. 26). Esta peça tem a forma de uma talha (bilha) tradicional portuguesa, que é decorada com elementos ligados ao estilo manuelino, como uma propaganda das navegações quinhentistas. Assim, entre cordames, esferas armilares, azulejos e elementos da arquitetura gótica-manuelina, Bordalo coloca quatro medalhões: dois com navios e a referência à África e à Índia; os outros dois com as efí-

gies do Infante D. Henrique e de Luís de Camões, numa obra em que faz uma síntese de vários elementos da representação simbólica de Portugal-nação que se consolidava no final do século XIX.

Figura 26 – Talha manuelina.



Fonte: Pinheiro (1892).

Nas páginas dos seus jornais, Rafael Bordalo Pinheiro noticiou e comentou de forma satírica a atividade política e social do final do século XIX. Este período coincidiu com a afirmação dos estados-nação e com a criação de representações simbólicas diferenciadoras dessas nações.

Bordalo contribuiu para a elevação de Luís de Camões ao estatuto de símbolo nacional ao trazer para as páginas dos seus jornais dois momentos da nossa História em que o poeta foi protagonista: a comemoração do 3º centenário da sua morte, em 1880, que o consagrou

como figura reconhecida e mobilizadora da população; e a revolta nacional perante o ultimato inglês, em 1890, onde Camões é convocado como símbolo de resistência nacional.

Sendo certo que Bordalo tem uma preocupação jornalística de informar, o uso do humor nas páginas dos jornais permite temperar o factual com aspetos emotivos que nos ajudam a compreender o sentir da população, através de informações divertidas sobre o poeta (o “Olho à Camões”, ou o *merchadising* exagerado, os desejos de participar no cortejo), ou dramáticos, como é o caso da reação inflamada ao ultimato.

Desta forma, os jornais bordalianos tornam-se uma importante fonte para perceber a ascensão de Luís de Camões a símbolo da identidade portuguesa.

RECEBIDO: 14/08/2025

APROVADO: 17/08/2025

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Carla. *Bordalo, o jornalista visual*. Lisboa: Museu Bordalo Pinheiro, 2022.

FRANÇA, José-Augusto. *Rafael Bordalo Pinheiro português tal e qual*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982.

MEDINA, João. Zé Povinho e Camões: dois pólos da prototipia nacional, *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 92, p.11- 21, jul. 1986.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. !!!.... *Pontos nos ii*, Lisboa, ano VI, n. 275, p. 313, 2 out. 1890a. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/PONTOSNOSII/1890/N275/N275_item1/index.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. [Torneio marítimo na bahia do Botafogo]. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 65, p. 279, 26 ago. 1880a. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P247.html. Acesso em: 21 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. A campanha do apito. *Pontos nos ii*, Lisboa, ano VI, n. 242, 13 fev. 1890b. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/PONTOSNOSII/1890/N242/N242_item1/index.html.

cm-lisboa.pt/OBRAS/PONTOSNOSII/1890/N242/N242_item1/P4.html.
Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. À memória do pai e do mestre. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 36, 07 fev. 1880b. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P44.html. Acesso em: 21 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. A união faz a força. *Pontos nos ii*, Lisboa, ano VI, n. 239, p. 32, 23 jan. 1890c. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/PONTOSNOSII/1890/N239/N239_item1/P7.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Carros triumphaes na festa cívica d' hoje 10 de junho. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 54, p. 190, 10 jun. 1880c. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P169.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Carros triumphaes na festa cívica d' hoje 10 de junho. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 54, p. 191, 10 jun. 1880d. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P170.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Carros triumphaes na festa cívica d' hoje 10 de junho. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 54, p. 194, 10 jun. 1880e. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P172.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Casos da Semana – Preparativos para o centenário. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 50, 13 maio. 1880f. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P143.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Casos da Semana – Preparativos para o centenário. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 51, 20 maio. 1880g. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P150.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Chronica do Centenário. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 55, 17 jun. 1880h. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P178.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Chronica do Centenário. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 55, p. 197, 17 jun. 1880i. Disponível em: <https://>

hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P175.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. “Croquis” oferecido pelo ANTONIO MARIA como commentario ao livro prometido ao grande épico nas folhas Progressitas. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 57, p. 215, 1 jul. 1880j. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P191.html. Acesso em: 21 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Efeitos do tratado. *Pontos nos ii*, Lisboa, ano VI, n. 272, p. 296, 11 set. 1890d. Acesso em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/PONTOSNOSII/1890/N272/N272_item1/P7.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Estátua de Camões. *Pontos nos ii*, Lisboa, ano VI, n. 238, p. 18, 16 jan. 1890e. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/PONTOSNOSII/1890/N238/N238_item1/P2.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Luís Augusto Palmeirim. *O Calcanhar d’Achilles*, 1871a. 1 desenho. Disponível em: <http://colecacao.museubordalopinheiro.pt/ficha.aspx?id=24562&ns=216000&lang=PO&museu=1&c=colecacao&IPR=145>. Acesso em: 20 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Medalha comemorativa do 3º centenário de Camões. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 63, p. 262, 12 ago. 1880k. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P232.html. Acesso em: 21 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. O tricentenário. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 54, p. 189, 10 jun. 1880l. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P168.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. O Trinca Fortes. *Álbum das Glórias*, n. 7, jun. 1880m. 1 gravura. Disponível em: <http://colecacao.museubordalopinheiro.pt/ficha.aspx?id=28819&ns=216000&lang=PO&museu=1&c=gravura&IPR=2>. Acesso em: 20 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Paralelos divinos e profanos. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 52, p. 176-177, 27 maio. 1880n. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P157.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Photographia do ministério, tirada logo depois do centenáriositas. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 56, p. 215, 24 jun. 1880o. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P185.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Preparativos para o centenário. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 53, 3 jun. 1880p. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P164.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Preparativos para o centenário. Programa para o vestuário da Comissão da Imprensa apresentado pelo “António Maria”. *O Antonio Maria*, Lisboa, ano II, n. 53, p. 181, 3 jun. 1880q. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_item1/P161.html. Acesso em: 21 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Retalhos da Companhia dos Caminhos de Ferro. *A Berlinda*, Lisboa, folha n. 4, jan. 1871b. 1 gravura. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ABerlinda/ABerlinda_item1/P4.html. Acesso em: 21 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. *Talha Manuelina*. 1892. 1 cerâmica. Disponível em: <https://museubordalopinheiro.pt/item/talha-manuelina/>. Acesso em: 21 ago. 2025.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Três atitudes diferentes. *Pontos nos ii*, Lisboa, ano VI, n. 244, 27 fev. 1890f. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/PONTOSNOSII/1890/N244/N244_item1/P4.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

SILVA, Raquel Henriques da. Desenhar para rir: a sociedade burguesa ao espelho. *Guia Museu Bordalo Pinheiro*, Lisboa, p. 27-61, 2005.

MINICURRÍCULO

JOÃO ALPUIM BOTELHO é Licenciado em História (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) e Mestre em Museologia e Património (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Lecionou na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, as disciplinas de Informação Turística / Técnicas Animação e História de Artes e Ofícios Tradicionais, Animação Cultural e Património e Museologia entre 1995 e 2002. Foi chefe de Divisão de Museus na Câmara Municipal de Viana do Castelo (2009 a 2013). É diretor do Museu Bordalo Pinheiro / Lisboa Cultura desde 2014.